

FAZER ARQUITETURA É ABRAÇAR A PAISAGEM: ACOLHIMENTO E AS TORRES DEL PARQUE DE ROGELIO SALMONA

TO PRODUCE ARCHITECTURE IS TO EMBRACE LANDSCAPE: HOSPITALITY AND ROGELIO SALMONA'S TORRES DEL PARQUE

Celma Paese¹

Gianluca Perseu²

Resumo

O artigo analisa o complexo habitacional Torres del Parque, projetado por Rogelio Salmona em Bogotá, como expressão de uma ética do acolhimento fundamentada na articulação entre arquitetura e paisagem. A partir das categorias forma, função, estrutura e processo – inspiradas no pensamento de Milton Santos – investiga-se como a obra transcende o modernismo funcionalista ao propor uma experiência sensível e relacional do habitar urbano. O texto considera a paisagem como operador teórico-metodológico para compreender o projeto não apenas como resultado de condicionantes geográficos e históricos, mas como prática cultural e política comprometida com a hospitalidade. A leitura propõe a arquitetura como mediação entre cidade, natureza e cultura, capaz de produzir espaços que promovem encontros, pertencimento e reconhecimento da alteridade, a partir de formas que se abrem ao território, ao outro e ao porvir.

Palavras-chave: Paisagem, Hospitalidade, Rogelio Salmona, Torres del Parque, Arquitetura Latino-Americana

Abstract

This article examines the housing complex Torres del Parque, designed by Rogelio Salmona in Bogotá, as an expression of an ethics of hospitality grounded in the interplay between architecture and landscape. Based on the categories of form, function, structure, and process – inspired by the thought of Milton Santos – it investigates how the work transcends functionalist modernism by proposing a sensitive and relational experience of urban dwelling. The article adopts landscape as a theoretical-methodological operator to understand the project not only as the outcome of geographical and historical constraints, but also as a cultural and political practice committed to hospitality. The interpretation proposes architecture as mediation between city, nature, and culture, capable of producing spaces that foster encounters, belonging, and the recognition of otherness through forms open to the territory, to the other, and to the future.

Keywords: Landscape, hospitality, Rogelio Salmona, Torres del Parque, Latin American architecture

¹ Universidade Federal do Rio Grande do Sul, <https://orcid.org/0000-0002-3160-0610>, celmapaese@ufrgs.com

² Universidade Federal do Rio Grande do Sul, <https://orcid.org/0000-0002-0427-8611>, gperseu@hotmail.com

INTRODUÇÃO

"Não concebo a arquitetura à margem do elemento natural", afirmou, certa vez, Rogelio Salmona (1). Essas simples palavras já carregavam, à época, o peso de uma ampla produção projetual, na qual o arquiteto buscava, a cada nova oportunidade, borrar a tradicional oposição entre humanidade e natureza que permeia o Ocidente.

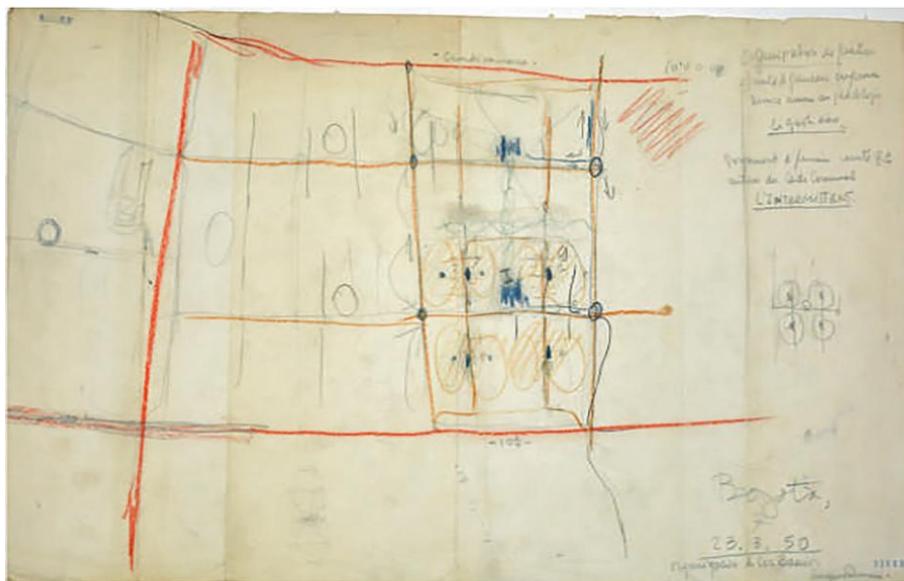
Salmona é amplamente reconhecido como um dos mais importantes arquitetos latino-americanos do século XX. Sua obra destaca-se, entre outros aspectos, pela habilidade de integrar arquitetura e paisagem, transcendendo dicotomias entre o mundo humano e a natureza através de procedimentos projetuais que integram tradição e modernidade. Comumente discutido pela crítica sob o lugar-comum do regionalismo críticoⁱ, Salmona trata-se de um caso particular na história da Arquitetura; um caso que, amplamente analisado por acadêmicos das mais variadas orientações teórico-metodológicas, ainda clama por atenção e por aberturas de sentido.

O presente trabalho propõe um exercício de interpretação do complexo arquitetônico das *Torres del Parque*, sua obra mais conhecida, utilizando a paisagem como chave de leitura teórico-metodológica para investigar as relações entre a obra e seu contexto geográfico, histórico, cultural e filosófico. Projetado em parceria com o engenheiro Doménico Parma e o arquiteto Urbano Ripoll, o complexo é um marco referencial para a paisagem de Bogotá, Colômbia, tanto quanto para a história da Arquitetura do século XX. Portanto, não é de surpreender que tenha sido objeto de estudo de diversos trabalhos acadêmicos ao longo dos anos. Procura-se, à luz de uma bibliografia consolidada sobre a obra, interpretar as implicações subjetivas da forma arquitetônica na paisagem da cidade, explorando as possibilidades da produção de acolhimento na cidade contemporânea. Essa abordagem permite compreender a arquitetura como expressão e produção de paisagens, alinhando-se ao estudo das formas do acolhimento em Arquitetura, inspirado no pensamento sobre a hospitalidade de Jacques Derrida. Narrar é, portanto, visto aqui, como um ato de interpretação, de abrir sentidos, de proporcionar novas formas de legibilidade desse complexo arquitetônico, e de atentar a questões contemporâneas ao encarar um texto (o projeto de Salmona) já interpretado sob outros prismas.

O complexo habitacional *Torres del Parque* (1963-1970), em Bogotá, Colômbia, foi um marco em sua carreira, projetando-o internacionalmente e servindo como moradia para o próprio arquiteto até o final de sua vida. Porém, nada teria acontecido se não houvesse ocorrido uma série de contingências históricas, que levaram Salmona a sair da Colômbia. Na década de 1940, a "explosão urbana" passou a tomar conta das grandes cidades da América Latina, assim como suas transformações. As vivenciadas por Bogotá foram notáveis: A substituição de casas de adobe por edifícios de concreto, a ampliação das vias para a passagem de ônibus e automóveis e a perda sistemática de referências urbanas tradicionais marcaram essa transição.

Em 1947, Le Corbusier visita Bogotá, para colaborar com a elaboração do Plano Diretor, que objetivava ordenar o território urbano, criando para a cidade uma imagem alinhada com os cânones modernistas. Filho de pai judeu nascido na Grécia e mãe francesa, Salmona, na época um jovem estudante de arquitetura, falava francês fluente. Atuou como tradutor do arquiteto franco-suíço durante sua estadia, o que lhe valeu um convite informal para ser colaborador do mestre em seu ateliê parisiense. Em 1948 ocorre o “Bogotazo”, e demais eventos subsequentes ao assassinato do líder político Jorge Gaitán. Guerrero (2) considera esses fatos como os catalisadores para que Salmona, prestes a completar 19 anos, seja enviado por sua família para Paris para estagiar no ateliê de Corbusier. Segundo Guerrero (3), a ele se uniram, mais tarde, Reinaldo Valência e Germán Semper, esse último também já vinculado ao ateliê quando Le Corbusier assinou o contrato do Plano Regulador de Bogotá com as autoridades colombianas, em 1950 (Figura 1). A autora descreve as condições de trabalho no ateliê como árduas, e a convivência diária com o mestre, por vezes, desafiadora. Com o tempo, o mito corbusiano começou a desvanecer, impulsionando-os a explorar novos horizontes mais abertos à crítica. Encontraram-nos no College de France, mais especificamente nos ensinamentos de Pierre Franscestel e Maurice Lombard. Na Sorbonne, estudou com Élie Lambert. Salmona demitiu-se em 1956, permanecendo ainda mais dois anos em Paris, onde buscou outras experiências profissionais (4). Após quase uma década, retornou a Bogotá e enfrentou a necessidade de obter o título de arquiteto para exercer sua profissão na Colômbia. Em 1964, graduou-se na *Universidad de los Andes* e, no mesmo ano, recebeu a encomenda do projeto que se tornaria um marco em sua carreira e na paisagem da cidade: as *Torres del Parque*.

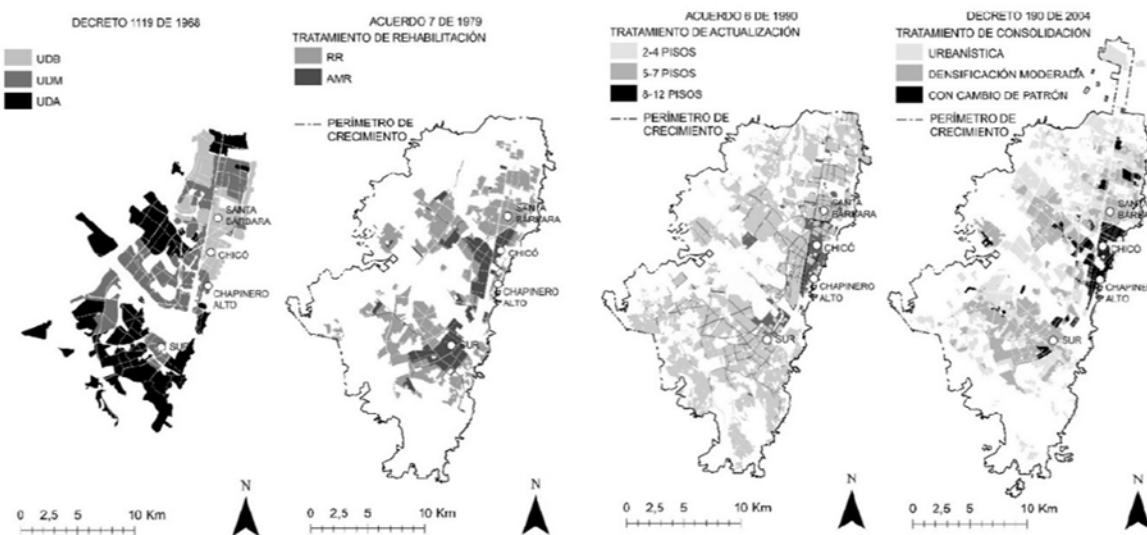
Figura 1: Esquema de organização de bairros para o Plano Diretor de Bogotá, 1950 (5)



O Plano Oficial de Zonificação Geral da Cidade, de 1968, estava baseado em planos anteriores, constituindo a primeira estratégia global de regime urbanístico de Bogotá. A questão da verticalização da cidade começa a ser discutida nos anos 1960, com o aumento da população da capital. Em meio a um salto populacional expressivo, a necessidade de densificar uma cidade

de tecido descontínuo e permeada por vazios urbanos e áreas subutilizadas levou à adoção de grandes alturas. Propostas começam a ser feitas e a remodelação da área central junto a seus arredores começa a ser estimulada pelo poder público e parcerias começam a ser organizadas com os empresários da época. Entre elas, a proposta onde o Departamento de Urbanismo de Bogotá estava envolvido, que dava ênfase à densificação vertical determinando a formação do perímetro do Centro Internacional, polo cultural, turístico e financeiro da cidade, zona de verticalização que desde então se desenvolve de leste a oeste, sendo que, a leste, encontra a borda da Cordilheira Orientalⁱⁱ. Castro (6) coloca que, nesse contexto, um terreno adjacente à Plaza de Toros de Santa Maria, na borda leste do Centro Internacional e vizinho ao Parque de la Independência, adquirido pelo Banco Central Hipotecário (BCH) valeu o convite de seu diretor, Jesús María Marulanda a Salmona, pois havia trabalhado com ele no projeto de habitação para o bairro de San Cristóbal.

Figura 2: Mapeamentos de zoneamentos urbanísticos de Bogotá, de 1968 a 2004 (7)



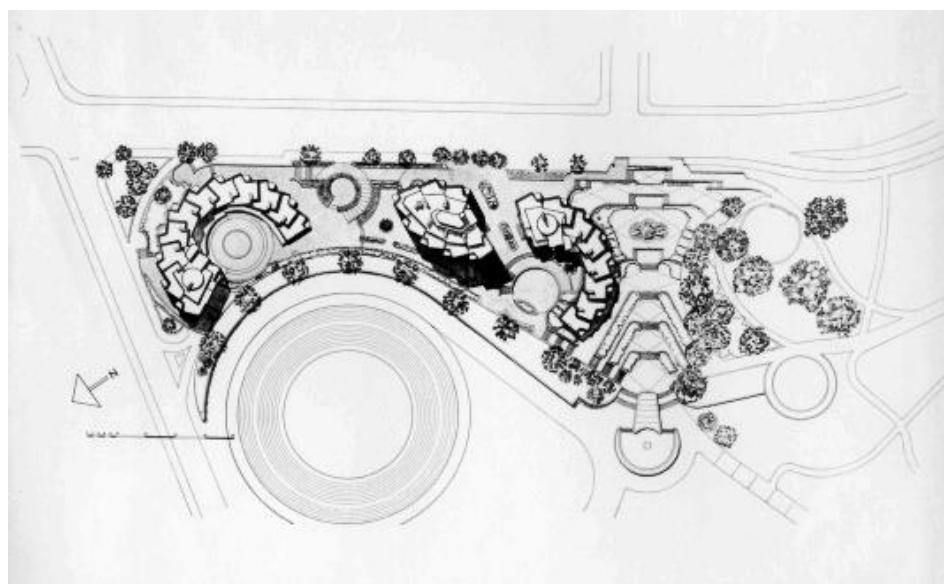
A construção de edifícios residenciais em altura, para habitantes da classe média, deveria alcançar retorno financeiro, devido aos altos custos pagos pelo terreno (Figura 2). O arquiteto deveria lidar com condicionantes desafiadores, como: o alto acidente do terreno, as significativas preexistências - o Parque da Independência e a Praça Santamaría de Toros – o tecido urbano em transformação do entorno e a imponência da paisagem natural circundante. Em 1964 iniciam-se os primeiros croquis. As obras iniciaram em 1965 e terminaram em 1970. Antes das Torres, a paisagem de Bogotá revelava uma cidade que se desenvolvia entre as montanhas, já com uma zona verticalizada na área central, revelando a presença de elementos cerâmicos na arquitetura de forma geral, o que indica um saber técnico oriundo dos recursos disponíveis.

A relação dialógica entre a natureza e a cidade é um convite à reinvenção da paisagem através de novas formas de habitação urbana. Influenciado pelas ideias do modernismo, mas profundamente enraizado nas tradições construtivas locais, Salmoda criou uma solução arquitetônica que articula o espaço público e o privado, integrando memória cultural, funcionalidade habitacional e uma estética profundamente contextual. São produzidas relações perceptivas entre as pessoas e a cidade, promovendo espaços de deambulação e de encontro, por meio de alternâncias entre formas côncavas e convexas, em um desenho intrincado que procura compor espaços construídos e abertos, bem como interfaces de abertura e fechamento ao contexto.

Figura 3: Croqui do conjunto arquitetônico. (8)



Figura 4: Planta de implantação do conjunto arquitetônico. (9)



O cenário de abraços entre a Cordilheira Oriental e a cidade provavelmente tenha inspirado o partido arquitetônico de Salmona, oriundo de uma série de gestos compositivos, próprios de um processo de leitura do entorno da intervenção. Ele não apenas responde à paisagem como a produz e ressignifica, como podemos verificar na disposição dos volumes verticais em espiral das torres, com alturas variadas, e os vazios intercalados ao longo do percurso. Um jogo que, enquanto revela vistas do Cerro Monserrate e do Guadalupe, costura acolhimentos entre a paisagem natural e a construída. A arquitetura atribui valor a elementos pré-existentes como a Plaza de Toros, o Parque de la Independência –onde está inserido– e o próprio tecido urbano do centro da cidade. O conjunto é composto por uma plataforma que articula o desnível transversal do terreno e três torres escalonadas com plantas de princípio geométrico espiral, em um jogo de côncavos e convexos que responde ao centro geométrico da Plaza de Toros de Santamaría (Figuras 3 e 4).

A disposição dos volumes das torres, com alturas variadas, cria um jogo com os vazios intercalados ao longo do percurso, composto por uma sucessão de elementos formais, que integra delicadamente o complexo ao entorno urbano e natural. Enquanto revela as vistas das montanhas, costura um cenário de acolhimento entre a paisagem natural e a construída. As torres não apenas atendem às necessidades habitacionais, encaradas sob a égide do movimento moderno e dos desafios de densificação urbana, próprios da América Latina da segunda metade do século passado: elas expressam um modo particular, uma tática geograficamente localizada, de articular ideias, de apreender o sítio e a realidade de intervenção, de compor com elementos e sistemas construtivos e, ulteriormente, de intervir na paisagem através da prática do projeto.

Figura 5: Vista aérea da Bogotá Contemporânea. (10)



Na contemporaneidade, o complexo habitacional não apenas domina a silhueta da borda leste do Centro Internacional, como também é seu ícone da modernidade arquitetônica (Figura 5). Estabelece uma relação única com a paisagem, evidenciando o diálogo entre a arquitetura e o território, apesar de que, ao longo do tempo, essa relação paisagística tenha perdido parte de sua força devido às mudanças do perfil urbano.

ARQUITETURA E PAISAGEM

A paisagem é um conceito que, além de multidisciplinar, configura-se como ponto de convergência entre campos variados de conhecimento. No campo da arquitetura, adquire um papel central como chave para interpretar as relações entre espaço construído, cultura e ambiente a partir da dimensão sensível e vivida do espaço. Enquanto categoria teórico-metodológica de investigação (11, 12, 13), permite compreender a arquitetura como prática cultural que simultaneamente *expressa* e *produz* mundos. Expressa, pois evidencia a capacidade do espaço construído de refletir visões de mundo, condicionantes históricos e geográficos. Produz, na medida em que transforma ativamente o espaço concreto por meio da introdução de formas, usos e experiências que redefinem seu significado.

No caso das *Torres del Parque*, a paisagem emerge não apenas como pano de fundo, mas um elemento ativo na concepção do projeto. A paisagem natural de Bogotá, marcada pela presença do Cerro Monserrate e pela topografia accidentada, é incorporada ao conjunto habitacional como uma força estruturante que orienta sua forma, sua dinâmica espacial e sua integração ao entorno. A abordagem de Salmoda é especialmente relevante no contexto da crítica à fragmentação e ao isolamento característico de muitas intervenções urbanas modernas. Sua concepção de paisagem não se limita a uma visão estética ou contemplativa, mas envolve uma dinâmica de tessitura entre diferentes dimensões: social, simbólica, ecológica e espacial. Assim, a arquitetura não é apenas um objeto inserido em um território, mas parte de um sistema integrado que dialoga com as características e potencialidades do lugar.

Inspirando-se em abordagens que consideram a paisagem como um sistema de relações, as *Torres del Parque* revelam-se um exemplo emblemático de como a arquitetura pode criar vínculos entre o natural, o urbano e o cultural. Os percursos planejados no conjunto oferecem uma experiência que conecta os usuários à paisagem construída, transformando-a em algo vivenciado e não apenas observado. Além disso, a escolha de materiais como o tijolo – amplamente utilizado na arquitetura tradicional colombiana – reforça a ligação do projeto com a memória e a identidade locais, enquanto articula uma linguagem contemporânea. O conceito de paisagem, neste caso, é inseparável da ideia de habitar. As *Torres del Parque* não apenas abrigam, mas criam condições para o pertencimento, promovendo interações que vão além do espaço privado. Os espaços públicos internos e externos, como as praças e jardins integrados ao projeto, ampliam o significado da paisagem como espaço de encontro e sociabilidade.

Ao integrar arquitetura e paisagem, o arquiteto transcende a dimensão técnica e adentra o campo ético. Ao propor uma arquitetura que respeita e potencializa as características do território, o arquiteto rejeita abordagens que homogeneizam e desconsideram as especificidades locais. Em vez disso, sua obra enfatiza o papel da paisagem como um recurso simbólico e funcional, capaz de mediar as relações entre o humano e o natural. Em uma de suas últimas conferências na Universidade EAFIT de Bogotá, Salmoda reflete sobre o papel da arquitetura na sociedade contemporânea, em especial na América Latina. Declara que entendia o projetar como ato ético, alinhado às políticas de acolhimento e inclusão do diferente. Acredita em intervenções arquitetônicas respeitosas ao patrimônio material, natural e cultural existente. Enfatiza a necessidade de projetar respeitando a história e

a geografia, a preservação do patrimônio urbano e a criação de arquiteturas duradouras e significativas. Salmona critica a especulação urbana e a fragmentação das cidades latino-americanas, defendendo intervenções arquitetônicas que promovam a inclusão social e a qualidade de vida, que atendam às necessidades habitacionais e espirituais das pessoas. Ele também destaca a importância da memória e da história na composição arquitetônica, buscando sempre uma relação íntima entre o espaço construído e seu entorno natural e histórico. Considerava que, é fazendo arquitetura que transformamos a natureza modelando a cidade. Arquitetura é a pulsação do lugar, cria lugares que se abrem a encontros entre a razão, o encantamento e a poesia, entre a claridade e a magia (14).

A ética projetual de Salmona é compreendida, aqui, como alinhada com o pensamento do filósofo Jacques Derrida e seus estudos sobre a ética da hospitalidade. Para Derrida (15), a hospitalidade é vista como ato ético. Envolve o reconhecimento do outro, o diferente, em sua dignidade. Para o filósofo, acolher significa reconhecer e “dar lugar ao lugar” do diferente. Essa disposição da diferença em conjunto dá-se de inúmeras formas, em múltiplas dimensões espaciais, físicas e abstratas. Esse reconhecimento é construído pelas regras e condicionantes para o acolhimento, que se desenvolve na relação dialógica entre hóspede e anfitrião, a *hostipitalidade*, um jogo de poder que, em termos espaciais, condiciona o nível de acolhimento das formas arquitetônicas, que possuem o papel de inspirar, não de definir (16). Portanto, a prática da ética da hospitalidade em arquitetura demanda abertura e permeabilidade, tanto no plano relacional quanto no espacial. Começa com a intenção de produzir espaços que promovam a inclusão, que inspirem modos de acolher, com reconhecimento, alteridade, abertura, vazão e espera. A ética da hospitalidade faz repensar o sentido da arquitetura em suas diferentes dimensões. A busca de possibilidades de transcendência de seus habituais paradigmas estéticos e espaciais remete a questionamentos éticos acerca de seu papel social e político.

Essa ética é particularmente evidente na maneira como as *Torres del Parque* tratam a transição entre o espaço urbano e a paisagem natural. O escalonamento das torres e a disposição curvilínea criam uma fluidez que rompe com o isolamento tradicional das grandes estruturas habitacionais modernas. Em vez disso, o projeto estabelece um diálogo contínuo entre o interior e o exterior, proporcionando aos moradores uma experiência que valoriza tanto a intimidade quanto a conexão com o ambiente circundante.

No contexto da contemporaneidade urbana, marcada por desafios como a degradação ambiental e a alienação espacial, o conceito de paisagem adotado por Salmona adquire uma dimensão propositiva. Ao integrar elementos naturais, históricos e culturais em um sistema coerente, o arquiteto sugere caminhos para uma prática arquitetônica que não apenas responde às condições existentes, mas propõe novas formas de habitar e interagir com o território. Assim, as *Torres del Parque* tornam-se um exemplo de como a paisagem pode ser reconfigurada como horizonte ético e estético, promovendo uma relação mais harmônica e sustentável entre cidade, natureza e cultura.

MÉTODO

Buscando investigar como o complexo arquitetônico Torres del Parque expressa o princípio político do acolhimento na ordem do sensível, são empregadas quatro chaves conceituais de análise e interpretação espacial, desdobradas a partir do pensamento do geógrafo Milton Santos (17, 18). Essas categorias, enquanto instrumentos conceituais de análise, não são universais nem neutras: são produtos dos contextos nos quais são mobilizadas. Neste exercício de interpretação do espaço geográfico pelo viés metodológico da paisagem, elas são adotadas enquanto temáticas autoimpostas, operadas pelo princípio político do acolhimento derridiano (15, 16); como transversalidades semânticas utilizadas para provocar a produção de uma narrativa e, com ela, interpretar o espaço arquitetônico. São elas:

A primeira categoria é a forma, referindo-se à configuração material dos objetos e sistemas de objetos. Ao interpretar a forma arquitetônica, procuramos olhar não apenas para aquilo que se percebe como os “cheios” da forma construída. Pelo contrário, trabalhar a paisagem pelo viés do acolhimento demanda atenção para os entremesos e lacunas, conscientes ou acidentais, bem como para as relações entre cheios e vazios que, oriundos de diferentes temporalidades, coexistem no tecido das habitações humanas. Pensar a forma tendo o acolhimento como princípio político implica, ainda, em compreender o espaço, não como platô sobre o qual os objetos são dispostos, mas enquanto movimento contínuo de des-re-configuração pelos atos da experiência.

A segunda categoria é a função, relativa aos usos atribuídos aos elementos do espaço e à sua articulação em sistemas de atividade mais amplos. Compreender a função a partir do princípio político do acolhimento exige ultrapassar a lógica estritamente programática ou normativa da Arquitetura, atentando para as maneiras pelas quais os sujeitos habitam, adaptam e ressignificam o espaço. Os usos não previstos, os desvios, os intervalos entre intenção projetual e prática cotidiana revelam formas de apropriação que reconfiguram a paisagem como expressão da experiência vivida.

A terceira categoria é a estrutura, que remete às articulações internas do espaço e às relações que se estabelecem entre os elementos formais, materiais e simbólicos que o compõem. Estrutura não diz respeito apenas à ordenação compositiva ou técnica, mas à lógica relacional que sustenta a coesão (ou evidencia a tensão) entre partes. No horizonte do acolhimento, interessa observar como essas estruturas sustentam (ou inviabilizam) encontros, fluxos, trocas e permanências. Assim, a análise da estrutura permite perceber o espaço não como dado estático, mas como campo de possibilidades relacionais.

A quarta categoria é o processo, que trata das dinâmicas temporais e dos movimentos que continuamente produzem, transformam e reinscrevem o espaço. Envolve os fluxos materiais e imateriais, as camadas históricas, as forças sociais, políticas e naturais que atuam sobre a paisagem. Acolher o espaço como processo é reconhecê-lo como campo em permanente constituição, onde o passado permanece presente e o futuro se insinua. Implica em perceber a arquitetura como parte de uma ecologia de acontecimentos, sujeita à mudança, à resistência e à invenção.

Narrar, portanto, trata-se de um ato inventivo de produção de sentidos (19). Tal produção, oriunda da ordem da experiência vivida, configura paisagens na medida em que transmite não apenas os dados dos sentidos e da experiência no espaço e no tempo, mas matizes de significação, juízo de valor e lógicas de endereçamento do que é comunicado.

Discutir Arquitetura e o fazer arquitetônico sob a égide da paisagem diz respeito a uma necessária ampliação do olhar para além da escala do artefato. Requer abrir a Arquitetura para seu contexto físico, histórico, geográfico, cultural. Se, como propõe Santos (20), a paisagem diz de um conjunto de objetos naturais e artificiais; se está imbuída de temporalidade e se é testemunho das gerações de seres animados e inanimados, humanos e não-humanos; se serve como possível porta de entrada para a produção e contestação de visões de mundo, então olhar para a dimensão da paisagem imbricada na Arquitetura trata-se de um exercício de mirada para fora, para as dialéticas, para os horizontes, para as relações – óbvias ou nem tanto – das quais o ambiente construído participa.

Se, por um lado, são propostas categorias de análise da paisagem como dispositivos de provocação da narrativa, o acolhimento derridiano aparece como atravessamento a partir de estudos sobre as formas de acolhimento na arquitetura de Fuão (21). A perspectiva metodológica, enfim, é derivada da noção de Contramapas do Acolhimento de Paese (22), compreendidos como dispositivos cartográficos que se insurgem contra a rigidez das representações técnicas da cidade, utilizando as referidas formas como código de leitura espacial. Em lugar de se pautarem por escalas normativas ou por geometrias de domínio, operam como gestos de escuta e atenção às subjetividades que pulsam nos entremeios da paisagem. Inspirados nas noções derridianas de hospitalidade (15), os Contramapas deslocam o olhar do planejador para o da testemunha: não mais aquele que ordena o território, mas aquele que o percorre, sente e representa. Mapeiam não o já instituído, mas sentimentos que brotam nas diferentes formas que compõem o tecido urbano, como: a sensação de acolhimento ao penetrar concavidades, os rastros dos encontros nas zonas de passagem, as significações subjetivas dos microterritórios de conviver. Com eles, não se pretende capturar a cidade, mas acompanhar seus gestos de acolhimento, seus modos de fazer lugar.

Narrar a paisagem por Contramapas, seja de forma descritiva, poética, imagética, envolve um esforço por abrir-lhe em sentidos, disputar imaginários, pensar em alternativas às lógicas dominantes de produção da Arquitetura, das cidades e dos espaços de vida. Trata-se, assim, de uma cartografia atenta às potências do ordinário; que não objetiva, mas subjetiva; que não totaliza, mas singulariza; que, ao invés de representar o espaço como dado, o reinscreve como acontecimento.

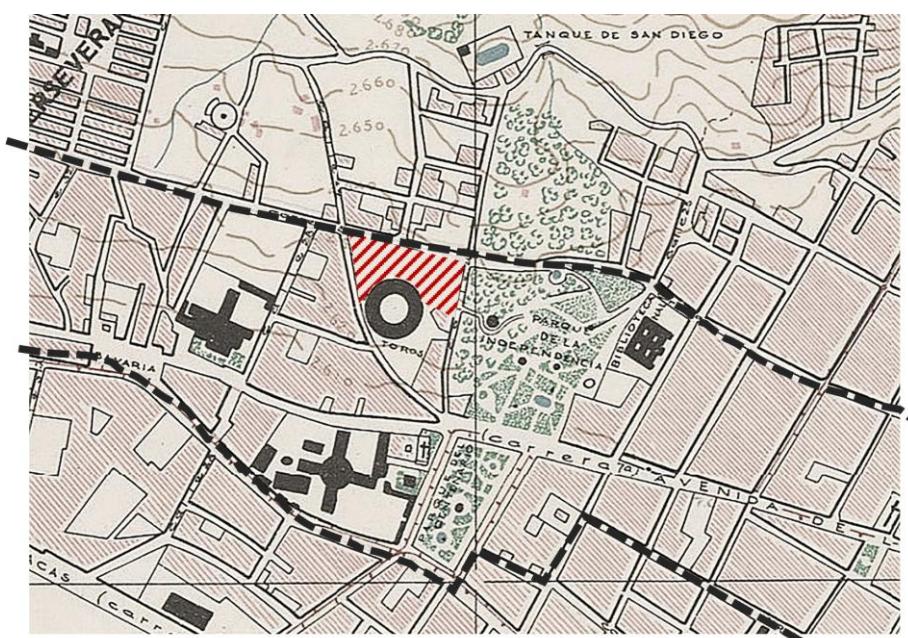
ENTRE TORRES E PLATÓS

No *Torres del Parque*, a forma vai além de um arranjo estético; ela traduz a integração entre a arquitetura e a topografia acidentada do Cerro Monserrate. As torres escalonadas e curvilíneas criam uma continuidade visual e espacial com a paisagem circundante, enquanto, suas concavidades convidam ao acolhimento. As formas do acolhimento somam-se aqui ao conceito miltoniano de rugosidade (18), onde as formas carregam marcas de tempos diversos – de heranças das práticas passadas –, ao mesmo tempo em que

se transformam para atender às demandas contemporâneas. No projeto de Salmona, a forma se materializa como uma síntese das forças naturais e sociais do território. Se a forma da paisagem refere-se àquilo que, na ordem das materialidades, pode vir a ser percebido, dizer da paisagem na Arquitetura envolve a discussão da pertinência do partido arquitetônico enquanto parte de um conjunto de objetos. Na leitura das formas do acolhimento, a paisagem construída de Salmona cria uma rede de abraços integrada em harmonia às condições físico-geométricas originalmente disponíveis para o desenvolvimento do projeto.

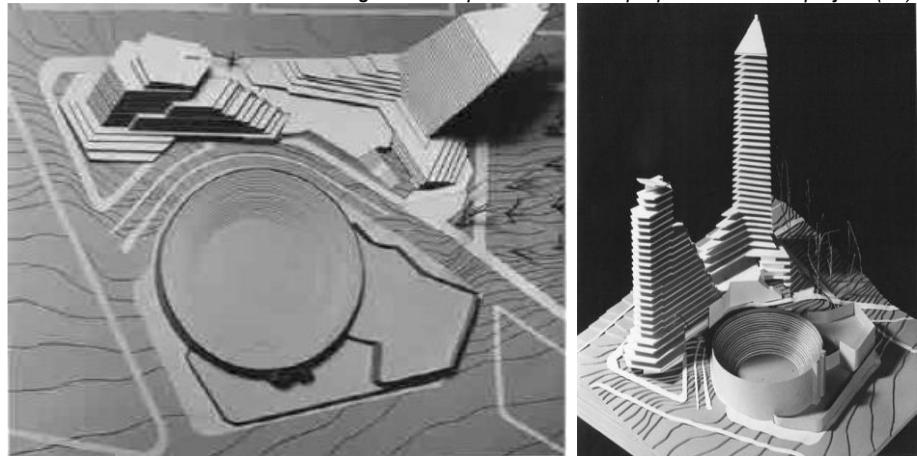
Ao longo dos anos 1960, a população bogotana sofreu um aumento considerável, chegando a 1,5 milhões de habitantes. A inédita demanda por habitação levou aos primeiros planos de ordenamento territorial, culminando na publicação do Plano Oficial de Zonificação Geral da Cidade, em 1968. Um ponto pivotal do documento era a necessidade por ordenar a densificação urbana, o que resultou na ocupação de terrenos vazios e/ou subutilizados de zonas centrais da cidade para construção de conjuntos habitacionais por meio de parceiras público-privadas, nas quais o Estado exercia papel de agente articulador. A consolidação do tecido urbano existente possibilitou a utilização das redes de infraestrutura existentes, a revitalização de áreas degradadas e a estruturação do Centro Internacional como um distrito financeiro, turístico e de lazer referencial para a cidade (Figura 6).

Figura 6: Trecho da planta de Bogotá de 1938. Em vermelho, a área atual do complexo arquitetônico. Em linhas tracejadas, a configuração do que viria a se tornar o Centro Internacional. (23)



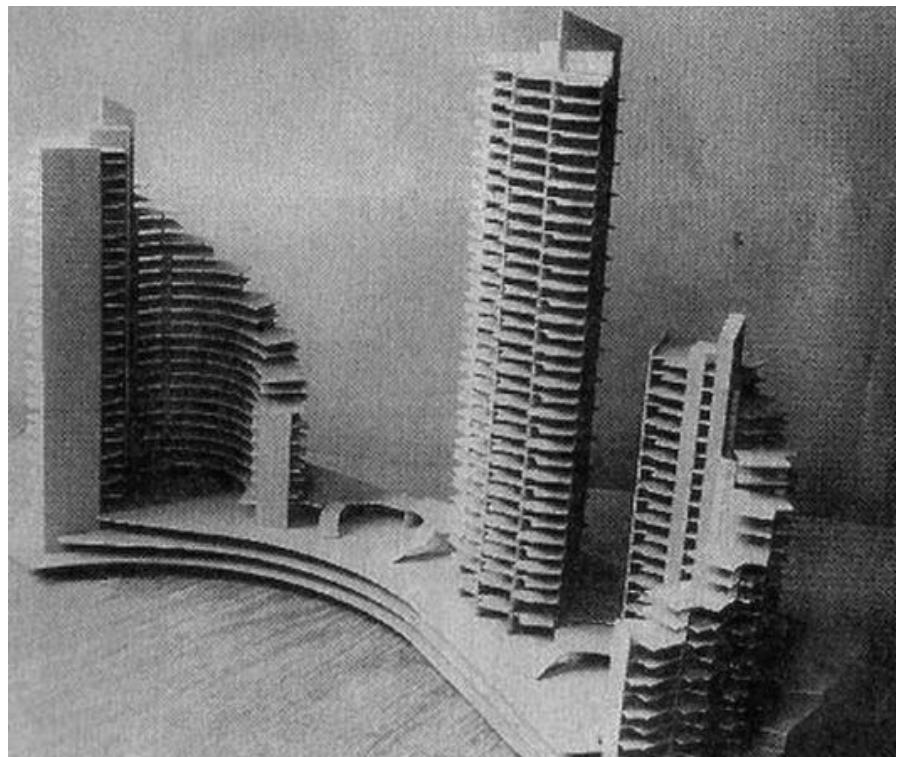
É justamente na década de 1960 que a imagem urbana de Bogotá consolida-se, marcada por uma porção central verticalizada em contraposição a uma cidade majoritariamente horizontalizada que encontra a cordilheira dos Andes a leste.

Figura 7: Maquetes físicas da proposta inicial do projeto (24)



O terreno disponibilizado para desenvolver o projeto foi obtido pelo Banco Central Hipotecário (BCH) anos antes da encomenda a Salmona, em 1963. Um primeiro partido arquitetônico (Figura 7), esboçado pelo arquiteto, propunha duas torres nas cabeceiras do lote. A disposição dos volumes verticais sobre uma plataforma térrea, solução amplamente utilizada por mestres do modernismo, como Le Corbusier, propunha um escalonamento que dissolia os limites entre os elementos e com o entorno imediato. O governo municipal, mesmo alinhado com a linguagem arquitetônica de Salmona, vetou o projeto por defender que a densidade populacional deveria ser ainda maior.

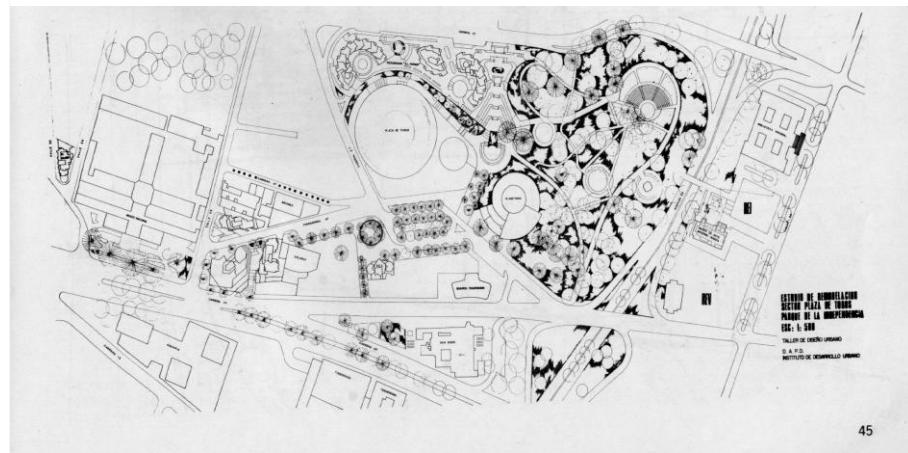
Figura 8: Maquete física da segunda proposta de Salmona. (25)



Nasce a segunda proposta (Figura 8), rapidamente aprovada e construída ao longo dos próximos 7 anos: três volumes escalonados sobre uma plataforma no nível térreo, que estabelecem um diálogo com a topografia do entorno, criando uma relação orgânica com o Parque de La Independência e o Cerro Monserrate. O uso do tijolo como material construtivo conecta o projeto à tradição local, enquanto as formas curvilíneas promovem uma interação visual e espacial fluida com a paisagem. Essa concepção transcende o funcionalismo ao evocar formas de acolhimento, concavidades e retas que inspiram a espera e a errância, sucessivamente, simultaneamente (26). Enquanto a dobra das concavidades nos convida a parar, meditar, esperar e aguardar o outro, a reta convida a ir adiante: uma sequência de causas e efeitos, como se uma linha costurasse curvas à reta que convida à jornada, incita a curiosidade e a busca por novos horizontes, o desafio de ir além. No entanto, a convivência transforma a reta em um espaço de metamorfose, quando a espera e o encontro se entrelaçam, expressando-se na concavidade contida no encontro dos corpos. A reta nasce no início e no final de alguma dobra, ponto de costura da imprevisibilidade, da descoberta do outro e do outro lado da borda.

Salmona propõe formas que acolhem não apenas fisicamente, mas simbolicamente, chegando, inclusive, a propor uma integração com o parque adjacente (Figura 9). Esta foi acatada posteriormente, o que levou à configuração atual do *Parque de La Independencia*, que passou a integrar-se ao terreno do projeto e da praça de touradas por meio de uma via de acesso exclusivamente peatonal.

Figura 9: Plano do projeto urbano. (27)



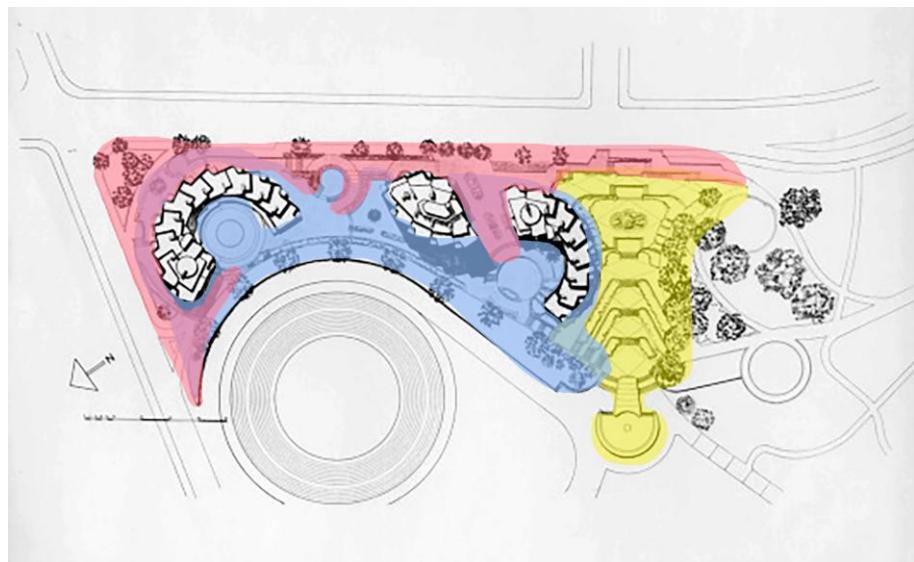
O jogo entre interior e exterior, cheio e vazio, aberto e fechado, côncavo e convexo, revela uma intenção projetual de criar espaços que transcendem as funções utilitárias, oferecendo possibilidades de encontro e recolhimento, evocando um senso de pertencimento ao lugar. Dessa maneira, evidencia seu comprometimento com o acolher.

A forma, pensemos, informa a intenção do acolhimento e, consequentemente sua política, na medida em que comunica, em diversos níveis, a coexistência de diferentes no espaço. Este está eminentemente inscrito nos próprios condicionantes de projeto, como as limitações legais e vontades de mercado que possibilitaram o empreendimento; o respeito à cultura local, o próprio

estado da arte, a modernidade como paradigma de circulação de ideias, a geografia. Trata-se de um modo de projetar acolhendo contingências, traduzido nas suas formas de compor espaços que abraçam para além de uma realidade histórica e geograficamente localizada, mesmo que modelizada por discussões a nível globalizado. O aspecto ético da arquitetura concretiza-se a partir dessas forças de agência, daquilo que se pôde fazer dos recursos existentes. A maestria projetual implicada em tal processo reside, portanto, em boa medida, na postulação da arquitetura como um gesto contínuo de hospitalidade a partir de tal cenário e para com o cenário, traduzido em formas que agenciam o conviver.

Segundo Milton Santos, a função é a "razão de ser" de uma forma, relacionada às demandas técnicas, sociais e culturais de um contexto. Em As funções das formas das *Torres del Parque* refletem as dinâmicas urbanas de Bogotá, que exigem espaços híbridos capazes de promover interações públicas e privadas. Salmodia projetou as formas dos seus espaços públicos ligando-as diretamente aos usos e atividades propostas, evidenciando como elas ocasionam interações sociais e práticas urbanas. A função vai além do provimento de habitação: o projeto cria espaços coletivos como jardins, praças e percursos que inspiram gestos de acolhimento, modos de fazer lugares a partir da significação dos espaços de quem o vive. São espaços de uso programático, mas também abertos ao acaso e às transgressões de usos não roteirizados previamente.

Figura 10: Manchas de uso dos espaços abertos.



À abundância de espaços de convivência e interação social soma-se o acesso ao público em geral, o que ocasiona a experiência do encontro e da diversidade (Figura 10). As áreas comuns foram planejadas para incentivar encontros, fortalecer laços comunitários e vínculos com o entorno. Revelam a sua política de acolhimento em formas côncavas, enseadas que fomentam a convivência comunitária; nas retas que convidam à jornada e incitam à curiosidade; nos espaços liminares das escadarias, que se descobrem lentamente por entre a vegetação abundante, à medida que o pedestre sobe os degraus e se aproxima da plataforma. É o momento quando o social e o cultural se encontram e se transformam, promovendo a fluidez e a permeabilidade entre os diferentes. Enquanto integradas ao complexo, as

formas por entre as torres cumprem a função de acolher na interioridade; nas pontas das suas bordas, cumprem a função de acolher o por vir.

A estrutura trata das relações entre os elementos que compõem o espaço, conectando formas e funções a um sistema maior. Para Milton Santos, a estrutura é a organização que permite a realização de determinadas funções, articulando as características sociais, econômicas e culturais da sociedade. No *Torres del Parque*, a estrutura manifesta-se na escolha dos materiais, como o tijolo, que conecta o projeto à tradição construtiva colombiana, e no rigor técnico aplicado às formas curvas e escalonadas, que respeitam e potencializam o acolhimento à topografia local. A estrutura, enquanto suporte que une forma e função, revela a intencionalidade de Salmona em criar um sistema arquitetônico coeso, onde cada elemento contribui para a integração entre o espaço construído e a paisagem.

A estrutura do complexo combina rigor técnico com sensibilidade estética. Além disso, o escalonamento das torres respeita a topografia e as vistas, demonstrando um equilíbrio entre técnica e intenção artística. Os apartamentos, por sua vez, oferecem privacidade e vistas privilegiadas da cidade e das montanhas, reforçando a conexão entre indivíduo, coletivo e natureza, nos terraços e balcões que convidam ao cultivo de jardins suspensos.

Os processos representam o movimento contínuo que conecta passado, presente e futuro, transformando as formas, funções e estruturas do espaço. Para Santos, o processo é a dinâmica que anima o espaço, conferindo-lhe caráter histórico e social. No *Torres del Parque*, os processos são evidentes tanto na adaptação do projeto às mudanças sociais e urbanas quanto na interação entre os moradores e o entorno. A continuidade dos percursos, as conexões entre o parque e as torres e a flexibilidade das funções evidenciam como a obra de Salmona incorpora a temporalidade como uma dimensão central, permitindo que a arquitetura evolua em diálogo com a cidade.

Os caminhos internos e externos das *Torres del Parque* estabelecem percursos que conectam o conjunto ao tecido urbano e à paisagem circundante. Rampas e escadarias curvas convidam ao movimento lento, valorizando a experiência do trajeto e promovendo uma continuidade entre os espaços públicos e privados. Se por um lado a materialidade enfatiza o respeito ao vernáculo, as formas da arquitetura de Salmona não pretendem capturar a cidade, mas acolher o entorno. Essa intenção projetual é observada nas formas que inspiram gestos de acolhimento que convidam a diminuir o passo, passagens que inspiram encontros. Lugares ressignificados todo o tempo o tempo inteiro. Lugares que dão “lugar ao lugar” de conviver.

CONSIDERAÇÕES

O *Torres del Parque*, projetado por Rogelio Salmona, transcende sua função habitacional ao propor uma arquitetura profundamente integrada à paisagem e à dinâmica urbana de Bogotá. Ao articular as categorias de forma, função, estrutura e processo, o projeto revela-se um espaço multifacetado, capaz de dialogar com o passado, atender às demandas do presente e antecipar transformações futuras.

A análise da forma destacou como as escolhas geométricas e materiais do projeto não apenas respeitam, mas amplificam as características do entorno, estabelecendo uma continuidade visual e espacial com a topografia e os marcos paisagísticos de Bogotá. A função, por sua vez, evidenciou a capacidade do conjunto de transcender sua vocação residencial, ao criar espaços que fomentam o encontro, a convivência comunitária e o pertencimento. A estrutura, enraizada na tradição construtiva local e adaptada às especificidades do terreno, reafirma o compromisso de Salmona com a sustentabilidade cultural e técnica, enquanto os processos presentes no *Torres del Parque* demonstram a flexibilidade e o dinamismo da arquitetura como elemento transformador. A obra dialoga com o fluxo contínuo de mudanças sociais e urbanas, mantendo-se relevante em diferentes contextos históricos.

Mais do que um exemplo de modernismo contextual, o *Torres del Parque* propõe uma ética projetual que integra pessoas, natureza, cultura e urbanidade. Ele questiona as práticas isolacionistas e fragmentadas que muitas vezes caracterizam a urbanização modernista, oferecendo uma alternativa baseada no diálogo, na abertura e na hospitalidade. A abordagem de Salmona sugere caminhos para uma arquitetura comprometida com a sustentabilidade social, ambiental e cultural, reforçando a importância da paisagem como um horizonte ético e estético para a prática arquitetônica. Seu legado reside, assim, na capacidade de inspirar novas formas de pensar e construir o espaço urbano, promovendo relações mais harmônicas entre o ambiente natural e o construído. Sua contribuição para a arquitetura e para o planejamento urbano de Bogotá ecoa como um exemplo poderoso de como a integração entre arquitetura e paisagem pode enriquecer as experiências humanas e fomentar uma relação mais profunda com o território. Esses princípios permanecem fundamentais para as discussões contemporâneas sobre urbanismo e sustentabilidade, sugerindo que o futuro das cidades pode ser construído com base no respeito às especificidades locais e no fortalecimento das relações entre o humano e o ambiente. O *Torres del Parque*, portanto, reafirma o papel transformador da arquitetura na construção de cidades mais inclusivas, acolhedoras e conectadas à sua paisagem.

REFERÊNCIAS

1. SALMONA, Rogelio. La Arquitectura como palpito del lugar. Bogotá: Catedra EAFIT, 2005.
2. GUERRERO, Ingrid Quintana. Longe do “35 Rue de Sèvres” : experiências paralelas dos colaboradores colombianos de Le Corbusier em Paris. PosFAUUSP. 2013. Vol. 20, no. 33, p. 200-215. São Paulo: FAUUSP.
3. GUERRERO, Ingrid Quintana. Filhos da Rue de Sévres: os colaboradores latino-americanos de Le Corbusier em Paris (1932-1965). Tese (Doutorado) - FAUUSP. São Paulo: FAUUSP, 2016.
4. GUERRERO, cit. 2.
5. GUERRERO, cit. 3., p. 333.
6. CASTRO, Ricardo. Salmona. Bogotá: Villega, 1998.
7. YUNDA, Juan, e CUERVO, Nicolas. Valor del suelo y vivienda, contención al crecimiento urbano y densificación en Bogotá 1969-2012. In Revista INVI 35(99):177-201. DOI:10.4067/S0718-83582020000200177]

8. FUNDACIÓN ROGELIO SALMONA. Consulta ao arquivo. Bogotá: Fundación Rogelio Salmoña, [s.d.]. Disponível em: <https://www.fundacionrogeliosalmona.org/consulta-al-archivo>. Acesso em: 4 mai. 2025.
9. FUNDACIÓN ROGELIO SALMONA, cit. 8.
10. EITI - EXTRACTIVE INDUSTRIES TRANSPARENCY INITIATIVE. Colômbia [imagem] [recurso eletrônico]. [S.I.]: EITI, [s.d.]. Disponível em: <https://eiti.org/countries/colombia>. Acesso em: 24 abr. 2025.
11. BESSE, Jean-Marc. O gosto do mundo. Exercícios de paisagem. Rio de Janeiro: UERJ, 2014.
12. BERQUE, Augustin. O pensamento-paisagem. São Paulo: Edusp, 2023.
13. PERSEU, G. Cidade, Modos de Postar : paisagens de orla de Porto Alegre em narrativas online no século XXI. Dissertação (Planejamento Urbano e Regional) – Faculdade de Arquitetura, Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre.
14. SALMONA, cit. 1.
15. DERRIDA, Jacques; DUFORMANTELLE, Anne. Anne Duformantelle convida Jacques Derrida a falar da Hospitalidade. São Paulo: Escuta, 2003.
16. PAESE, Celma. Contramapas de Acolhimento [online]. Tese (Doutorado) - PROPAR-UFRGS. Porto Alegre, 2016. Disponível em: <hdl.handle.net/10183/151123>
17. SANTOS, Milton. Entrevista com o professor Milton Santos. Revista Caros Amigos. São Paulo, n.17, ago., 1998.
18. SANTOS, Milton. A natureza do espaço. Técnica e tempo. Razão e emoção. São Paulo: Hucitec, 2002.
19. PERSEU, cit. 10.
20. SANTOS, cit. 15.
21. FUÃO, Fernando. As formas do acolhimento na arquitetura. In: SOLIS, Dirce Eleonora Nigro; FUÃO, Fernando Freitas (orgs). Derrida e arquitetura. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2015. p. 41-113.
22. PAESE, cit. 13.
23. WIKIPEDIA. Plano de Bogotá, 1938 [imagem] [recurso eletrônico]. Wikipedia, [s.d.]. Disponível em: https://es.m.wikipedia.org/wiki/Archivo:Plano_de_Bogot%C3%A1_1938.jpg. Acesso em: 8 abr. 2025.
24. URREA UYABÁN, Tatiana. De la calle a la alfombra: un espacio abierto en Bogotá. 2014. p. 305. Tese (Doutorado em Teoria e História da Arquitetura) - Universitat Politècnica de Catalunya, Departament de Composició Arquitectònica, Barcelona, 2014. Disponível em: <https://www.thesisenred.net/handle/10803/285014>. Acesso em: 25 abr. 2025.
25. URREA UYABÁN, cit. 24, p.305.
26. PAESE, cit. 13.
27. PROA: urbanismo-diseño-arquitectura-industrias. No. 392, junio de 1990. Bogotá: Ediciones Lerner, 1990.

NOTAS

ⁱ Ver: TZONIS, A.; LEFAIVRE, L. (orgs.) Critical Regionalism: Architecture and Identity in a Globalized World. New York: Prestel, 2003.

ⁱⁱ Na Colômbia, a porção setentrional da Cordilheira dos Andes divide-se em três ramais principais: a Cordillera Occidental, paralela ao Pacífico; a Cordillera Central, entre os rios Cauca e Magdalena; e a Cordillera Oriental, a mais extensa, que desenvolve-se a leste do rio Magdalena seguindo para a Venezuela, passando a leste de Bogotá e incluindo os picos (cerros) de Monserrate e Guadalupe.

Submetido: 06/06/2025

Aceito: 02/09/2025